

Carta ao Pai 3.0

Sabe que, até para falar contigo, Pai, acho-me chato?

Sim! Ao contrário de meus colegas que participam deste coral de mudos e que ficam batendo a mão nos ombros de quem comenta notícias do ano anterior, como a posição da Unicamp no ranking das universidades da América Latina (a mesma do ano passado!) e que insistem em dizer somos melhores que a USP na “comparação per capita”.

Aliás, estive lá ontem. Sim, reerguem-se das cinzas com obras de um magnífico Centro de Convenções e de um super-museu.

Afinal, você saberia dizer onde ficou a Unesp nesta lista das Universidades? Sim, não se faça de tolo, repetindo que não vê que grande parte do aparelhamento deste nosso Instituto baseia-se em ex-Unesp. Sim...inclusive o Grande Mudo.

Sim. Também é verdade que não houve ainda nenhum Diretor que tenha sido formado aqui, dentre nós ou por nós. Será parte do processo geral de castração imposta pelo sistema educacional cheio de falhas em que vivemos? Ou de um pacto invisível para preservar o que não presta? Certamente esta variável compõe, mas não explica o resultado horrível.

Não. Ainda não é hora de falar do comportamento sexual daqueles de extrema direita e de extrema esquerda que vivem camuflados de apatridários e apolíticos dentre nós. Pai...sabe que me irritam estas suas tentativas de fazer piadas com os assuntos que trago para nossa conversa. Já que insiste (e que também me divirto em observar), pontuo! Começo pela extrema esquerda.

Manipulador...e burro. Na relação estrutura função a que tanto apela o novo (sic) nome do departamento, a cabeçorra aponta para um diagnóstico: edema. Sim, jura ter participado de greves e não se arrepende disto. Sim, vou focar no sexo: frustrado. Como se sente dono, acha que a empresa/fábrica (neste caso Universidade) deve pagar pelos seus poucos luxos, inclusive pela amante. Neste sentido, usa o que tem às mãos: manipula bancas e favorece a loura esquelética e, igualmente, burra. Sim, aquele outro da Unesp já fez esta piada, sobre a impossibilidade do encontro no beijo...Não consigo imaginar a cena, já que meu inconsciente expandido em zonas de perigo, que interpenetram as memórias e amarram as possibilidades de inter-correlações, me impede imaginar o “tosco”. Continuando, depois de provar que era capaz e conseguir, não tira nada de lá e deixa para a instituição o resíduo da sua frustração como mais uma concursada com direito a voz e voto. Apelo, caso volte com aquela maldita sentença: “Veja bem, Hernandes”!

Já que lhe dei sua dose de idiotice da vivência universitária, deixe-me perguntar:

O que acontece quando um Estado faz greve?

Que pergunta é esta? Precisa ligar a TV de vez em quando. Já disse que não aprende nada indo para casa exausto de processar burocracia, sem participar de seminários, cuidar dos filtros de ar condicionado e limpeza do novo banheiro (que vive trancado e, portanto, limpo!) da sala da Congregação! Já disse que não aprende nada indo para casa à noite e voltando loco cedo no outro dia.

Voltei assustado, na sexta, ao saber que a UERJ quase não conseguiu realizar seu vestibular no final de semana anterior. Hum...tenho que explicar tudo!? Pela simples razão de que eles, como outros servidores estaduais do Rio de Janeiro estão sem salários. Sai da USP dizendo que isto sim seria razão para greve, para saber, ao chegar em casa, que, na verdade, o Estado do Rio de Janeiro entrou em greve! (Sim...sei que o termo correto é Estado de Calamidade. Não se confunda, com minha transposição). Sim, exatamente. O mesmo estado que, talvez não por acaso, nos tenha dado Eduardo Cunha e Delcídio Amaral.

Nada mais justo que, agora, o Estado transfira para a União as despesas por usarmos o cartão postal “deles” e o usemos para sediar as Olimpíadas. Além disto, este decreto autoriza o Estado a fazer o que quiser. Claro, o Estado copia agora o que caracterizou muito do que vimos antes. Amarram as obras megalomaniacas até próximo do estágio de não retorno, para então demandarem por verbas emergenciais que devem ser utilizadas para não fazer o Brasil passar vergonha diante de um mundo interessado no que vai acontecer a seguir. Como? Claro que sim...já considerei que o Estado do Rio de Janeiro não existe. Quando falei disto, referi-me à semelhança da Geografia (exatamente, aquela que aprendi na escola formal existente nos anos de governo militar!!!) com Minas. Mas também já considerei que o Estado do Rio de Janeiro não exista em função de outros aspectos. Primeiro, pelo hiperdimensionamento do que é Federal. O Rio concentra

o maior número de servidores federais do País. Por outro lado, a Cidade ainda guarda ares de Cidade-Estado. Para não falar dos ares de Império que assumem por lá. Neste sentido, o Estado fica espremido entre uma super-cidade e uma super-República. Sim...foram mais que espertos... Como a realeza, agora o Governo Estadual manda a conta para poder cuidar da segurança e de “outros detalhes” do que vai ou pode acontecer por lá...Afinal, como ficará o cartão postal se outra ponte cair durante as Olimpíadas?

Mas voltemos à pergunta inicial! O que acontece quando um Estado da Federação faz greve? Ganha 2.9 bilhões de reais da Federação. Não... Não tenho nenhuma esperança de que cheguem migalhas deste dinheiro aos meus colegas das universidades estaduais fluminenses que estão sem salários e, mesmo assim, realizaram o vestibular no final de semana passado.

Espero que tenha chegado a hora de meus amigos e ídolos cariocas e fluminenses movimentarem-se em greve contra tudo isto, mesmo que isto implique em cortarem de si mesmos algumas prerrogativas principescas.

Não vamos cair na estória de que o cenário atual é resultado da (má) distribuição dos royalties do pré-sal, nem nos façam beber desta água salobra e poluída.

Sim...quero insistir. Disse que havia mais...!

À greve os que não são de greve!

Quais são os instrumentos autênticos de manifestação entre classes? Encontre-os...

Você nos ensinou errado. Suas prerrogativas são inválidas em um Estado que não está sitiado. Sua autoridade foi sustentada por algo que não se sustenta mais e que não precisa existir numa democracia como a que temos hoje.

Claro que a greve é um destes instrumentos. Lembre-se apenas de que a greve aparece muito recentemente como direito institucional...dos trabalhadores...assalariados...ou não! Não se esqueça do direito individual de fazer greve. Sim...greve de fome...o que se consegue neste caso? Alertar o mundo sobre desrespeitos ou não adesão a princípios universais...a pressão neste caso surge da exposição do Estado em um aspecto único da sua responsabilidade pela sobrevivência dos seus cidadãos.

A transposição da greve para o sistema educacional não é simples. Uma greve deve implicar em impacto (haja vistos os termos em Inglês e em Alemão). Em português há sinônimo em...PAREDE... o que não é de todo ruim...!

Se não há prejuízo mensurável, seja no setor produtivo ou no acesso a serviços, a greve perde significado, por ser inócua. Isto justifica o conflito de professores universitários com o “fazer greve”... Claro, existem experimentos em andamento.... Claro, existem excursões agendadas.... Claro, há células e outros detalhes.

Como fazer greve e arriscar perder a bolsa de pesquisador do CNPq ou o prazo de entrega de relatórios científicos ou prazos para submissão de projetos? Como fazer greve e errar o alvo de quem deve ser atingido? Este conflito não é novo...existe desde que me conheço por gente... Mesmo quando concentrado no Ensino de Graduação, quem da sociedade civil e do Estado, se preocupa com eles? Talvez agora, com o excesso de zelo parental que temos observado, sejamos questionados por pais super-protetores, clamando pelos direitos (de sobrevivência, sucesso, riqueza e felicidade eterna) de sua prole diminuta.

A despeito disto, deveríamos abrir mão do nosso direito de fazer greve? Claro que não. Devemos deixar que assembleias pouco representativas decidam o que fazer com algo que, por direito, pertence à classe como um todo? Sim...seja ela a dos docentes, seja ela a dos discentes (não insistam em dividir Graduação e Pós-graduação...como classe, são uma só...

Com isto, seria difícil imaginar que as tentativas de nossos colegas docentes de se envolver com a discussão dos alunos seriam fracassadas? Seria impossível prever que seriam tiros na água...

O que precisa acontecer é que aqueles que não são de greve apropriem-se do seu direito de classe e que estejam presentes nos momentos de decisão...

Se o barulho for demasiado, imitem a mitologia e tapem os ouvidos com cera, para resistirem até o momento de decidirem de forma civilizada, o que é a opinião da maioria. Se não estiverem presentes, uma minoria vai sempre decidir.

Minha ilação é que quem pode decidir sobre o destino da alegada “greve” dos alunos, são eles próprios.

Pai... não me culpe! Não consigo estar em todos os lugares ao mesmo tempo e, ao contrário dos outros, que se acham indispensáveis e super-legais, como já disse, considero-me chato e odeio ficar ouvindo minha própria voz o tempo todo... (Paulo J. que nos diga que são os pernósticos dentre nós!).

Já que me segura até agora, aproveito para chutar-lhe o “pau da barraca”! Se um Reitor sustentado por uma administração dividida e ansiosa de galgar posições mais importantes (e a salário mais alto – sim...são aqueles 53 mil mensais, informados pelo STU...).

Já quer mudar de assunto? Depois sou eu quem tenho déficit de atenção...!!! Por que não revela o seu salário, enquanto esteve na mesma posição, naqueles anos dourados?

Agora foque: se o atual Reitor se permite re-escrever o primeiro parágrafo do regimento da Unicamp, definindo qual é a missão da Universidade... (imagino um futuro sinistro, com D. Trump alterando emendas da Constituição dos EUA....)...por que é que os alunos não podem reescrever a ata de fundação da Unicamp, como fizeram no mural da praça das Bandeiras?

Divirta-se! Cobriram sua foto com o que parece uma espiga de milho...devem dançar quadrilha em sua homenagem Pai-fundador-reitor-espiga de milho!!!!